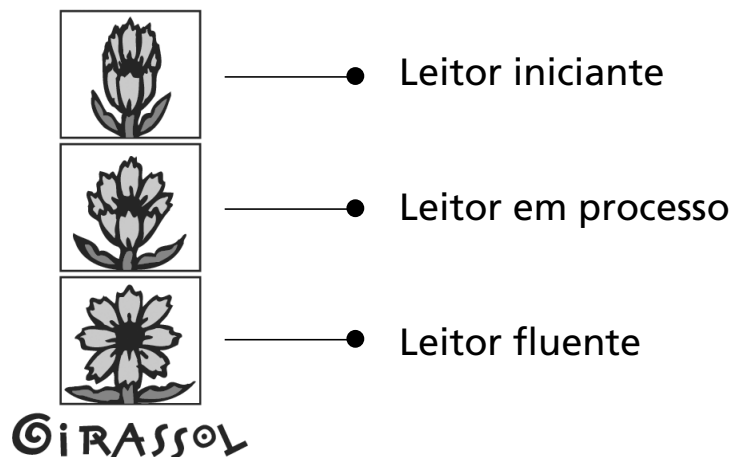




ANA MARIA MACHADO

Igualzinho a mim

ILUSTRAÇÕES: Maria José Arce

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Tom Nóbrega

- Leitor Iniciante (Educação Infantil e 1º ano do Ensino Fundamental)
Leitor em processo (2º e 3º anos do Ensino Fundamental)

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero

UM POUCO SOBRE A AUTORA

Ana Maria Machado é carioca, tem três filhos e mora no Rio de Janeiro. São quase quarenta anos de carreira, mais de cem livros publicados no Brasil e em mais de dezessete países, somando mais de dezoito milhões de exemplares vendidos. Os prêmios conquistados ao longo da carreira de escritora também são muitos, tantos que ela já perdeu a conta.

Depois de se formar em Letras, começou sua vida profissional como professora em colégios e faculdades. Ana também já foi jornalista e livreira.

Mas Ana Maria Machado ficou conhecida mesmo foi como escritora, tanto pelos livros voltados para adultos como aqueles voltados para crianças e jovens. O sucesso é tanto que em 1993 ela se tornou *hors-concours* dos prêmios da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Em 2000, Ana Maria ganhou o prêmio Hans Christian Andersen, considerado o prêmio Nobel da literatura infantil mundial. E em 2001, a Academia Brasileira de Letras lhe deu o maior prêmio literário nacional, o Machado de Assis, pelo conjunto da obra. Em 2003 Ana Maria teve a imensa honra de ser eleita para ocupar a cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras.

RESENHA

Tanta gente tão diferente no mundo – como pode ser que sejamos todos ao mesmo tempo tão diversos e tão parecidos? Tem gente de cor de pele preta, branca ou amarela, tem gente alta e gente baixa, gente corpulenta e gente magra. Gente de cabelo cacheado ou liso, gente de cabeça raspada. Mas quase todo mundo atravessa a vida com um misto de tristeza e alegria, nos diz a autora. Muita coisa é muito diferente se alguém cresce morando na favela ou num apartamento, no campo ou na cidade.

As famílias mundo afora podem ser das mais variadas: há as numerosas e as pequenas, há quem tenha pai e mãe e quem tenha dois pais ou duas mães; há quem more com os tios ou com a avó. Seja como for, todo mundo precisa de afeto e proteção. Todo mundo precisa comer quando tem fome, beber quando tem sede, ter onde dormir quando tem sono. Todo mundo de vez em quando sente raiva ou medo – e todo mundo precisa ser tratado com justiça. Tão parecidos em muita coisa, precisamos ser respeitados em nossas diferenças.

Em *Igualzinho a mim*, Ana Maria Machado apresenta a seus leitores o princípio básico dos direitos humanos: temos direitos e necessidades iguais, mesmo sendo muito diferentes. A dança entre igualdade e diferença proposta pelo livro é ao mesmo tempo simples e complexa. Afinal, não dá para falar de igualdade sem lembrar que a gente vive num mundo heterogêneo, no qual povos com diferentes línguas, tradições e hábitos precisam conviver. Ao

mesmo tempo em que as diferenças culturais precisam ser respeitadas, é necessário combater os abismos de desigualdade social, que fazem com que algumas pessoas cresçam de maneira protegida, enquanto outras atravessam uma infância dura e brutal. Lembrar que somos todos fundamentalmente iguais, apesar das diferenças de cor de pele e de modo de vida, é lembrar que não é justo que alguns tenham mais direito à vida do que outros.

As ilustrações de Maria José Arce enriquecem a discussão ao trazer uma enorme diversidade de personagens com diferentes tons de pele, cortes de cabelo e maneiras de se vestir – e que no decorrer do livro vão se tornando capazes de olhar uns para os outros, se aproximar, dividir o mesmo espaço – e até mesmo de se desentender e se reaproximar. A autora e a ilustradora parecem apostar que a empatia, a capacidade de se reconhecer no outro, é um elemento-chave para que a gente possa construir um mundo mais acolhedor para todos os seus habitantes.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Livro álbum.

Palavras-chave: Igualdade, diversidade, desigualdade, convivência, direito, respeito, justiça.

Componentes curriculares envolvidos: Língua Portuguesa, Ciências Sociais.

Competências Gerais da BNCC: 9. Empatia e cooperação, 10. Responsabilidade e cidadania.

Temas contemporâneos tratados de forma transversal: Vida familiar e social; Educação em direitos humanos.

Público-alvo: Leitor iniciante (Educação Infantil e 1º ano do Ensino Fundamental) / Leitor em processo (2º e 3º anos do Ensino Fundamental)

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura:

1. Mostre aos alunos a capa do livro. Levando em conta o título, proponha que atentem ao que os dois personagens da capa possuem de semelhante e de diferente, e às semelhanças e diferenças entre as folhas e plantas que aparecem ao lado deles.

2. Leia com as crianças o texto da quarta capa. Pensando no tema da estrofe de quatro versos, proponha que as crianças façam uma lista das suas características que parecem únicas e diferentes, e daquelas que consideram parecidas às da maior parte das pessoas.

3. Veja se as crianças percebem que os personagens da capa reaparecem nas primeiras páginas do livro, cada um vestindo metade do que parece ser a mesma fantasia de coelho.

Durante a leitura:

1. Como se trata de um texto que brinca com a sonoridade das palavras, trazendo para a prosa elementos da poesia, realize uma leitura em voz alta, envolvendo toda a turma.
2. Encoraje os alunos a identificar as palavras que rimam: eles percebem que as rimas aparecem em versos alternados?
3. Durante todo o livro, o jogo do que é igual ou diferente entre as pessoas se faz muito presente. Diga aos alunos que prestem atenção nos elementos que o texto aponta como coisas diferentes que pessoas possuem em comum, e nas coisas que distinguem uma pessoa da outra.
4. As duas crianças da capa reaparecem em quase todas as ilustrações. Estimule os alunos a identificar onde elas estão, o que estão fazendo e como se relacionam entre si: provavelmente notarão que em alguns momentos os dois estão mais próximos, em outros parece haver desentendimentos.
5. Embora o texto seja escrito em primeira pessoa, em nenhum momento fica claro de quem é a voz que está falando. Será que as crianças percebem que isso acontece porque essa voz poderia pertencer a qualquer um desses personagens?
6. As belas ilustrações de Maria José Arce mostram uma variedade de personagens de diferentes tipos físicos, idades e modos de se vestir – proponha que as crianças prestem atenção nas diferenças e semelhanças entre eles.
7. Veja se os alunos se dão conta de que as ilustrações das páginas 6 e 7, 12 e 13 e 24 e 25 são semelhantes, porém em cada uma delas os personagens se relacionam de modo diferente.

Depois da leitura:

1. No decorrer do livro, as ilustrações nos apresentam uma série de personagens bastante simpáticos, mas pouco sabemos sobre eles. Proponha aos alunos que, sozinhos ou em duplas, escolham dois desses personagens anônimos, e procurem criar uma ficha, inventando: a) seu nome; b) sua idade; c) em que parte do mundo vive; d) como é o lugar onde mora e com quem vive; e) seu objeto preferido; f) seu passatempo favorito; f) aquilo de que mais tem medo. Em seguida, proponha que escrevam uma pequena narrativa imaginando o que aconteceria se esses dois se encontrassem.
2. O livro chama atenção para o modo como todas as pessoas têm as mesmas necessidades, precisam de afeto e companhia, deveriam viver com a mesma dignidade e serem tratadas com o mesmo respeito – isso, porém, está longe de acontecer, já que vivemos em um mundo extremamente desigual. Foi a luta por um mundo mais justo o que impulsionou a criação da Declaração Universal dos Direitos Humanos; alguns anos depois, em 20 de Novembro de 1959 foi proclamada pela Organização das Nações Unidas e pelo

Fundo das Nações Unidas para a Infância, o Unicef, a “Declaração Universal dos Direitos da Criança”. A discussão a respeito da obra de Ana Maria Machado pode ser um ótimo ponto de partida para apresentar para os alunos seus direitos – na Folhinha Online, do jornal *Folha de S.Paulo*, é possível encontrar uma versão da Declaração adaptada para os pequenos leitores, disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/criancas/2002-direitos3.shtml>> (acesso em: 28 out. 2020). Em seguida, assista com eles a essa animação disponível no Youtube, que apresenta o Estatuto da Criança e do Adolescente, em vigor no Brasil desde os anos 1990: <<https://www.youtube.com/watch?v=ybvolCaNFuU>> (acesso em: 28 out. 2020).

3. Embora a Declaração dos Direitos Humanos sustente que as pessoas têm direitos iguais e não devem ser discriminadas em função da sua raça, o racismo é uma realidade gritante em todo o mundo e é especialmente marcante no Brasil, embora esse seja o país com o maior contingente de negros e pardos fora da África. Assista com a turma ao videoclipe da canção “Semente”, em que o *rapper* Emicida, em colaboração com Drik Barbosa, denuncia as condições precárias que afetam a infância da periferia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=C7l0AB--l3c>> (acesso em: 28 out. 2020). Converse a respeito da canção com a turma.

4. Será que os alunos sabem como vivem as crianças indígenas? Assista com a turma ao vídeo *Das crianças Ikpeng para o mundo* em que crianças da etnia Ikpeng apresentam suas aldeias para crianças de outras culturas. O vídeo vai ajudar a desconstruir os estereótipos que os alunos possam ter a respeito desses povos, permitindo que se aproximem do seu dia a dia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=28r1cj0xwEs>> (acesso em: 28 out. 2020).

5. Os versos da página 19 mostram como as famílias não são todas iguais: há quem more com pai e mãe, há quem tenha dois pais, há quem viva com os avós. Para pensar mais a respeito, assista com os alunos ao vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Bq1gEOIRD40>> (acesso em: 28 out. 2020), que aborda as muitas possibilidades de estrutura familiar.

6. Durante a recente guerra na Síria, as crianças sofreram e continuam sofrendo de modo alarmante; uma das imagens mais emblemáticas dessa tragédia foi um vídeo que mostra Omar Daqneesh, o pequeno sobrevivente de um bombardeio, sentado na parte traseira de uma ambulância. Mostre algumas imagens do vídeo para os alunos e, depois de contar um pouco da história de Omar (vale a pena consultar a reportagem do *El País* sobre o assunto, disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/18/internacional/1471505375_728046.html> (acesso em: 28 out. 2020), leia para as crianças a carta que Alex, um menino americano de 6 anos, escreveu para Obama, o ex-presidente dos Estados Unidos,

pedindo-lhe que fosse buscar Omar para que ele passasse a viver em sua casa. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/22/internacional/1474531863_781836.html> (acesso em: 28 out. 2020).

7. Para pensar um pouco mais a respeito de como somos ao mesmo tempo diferentes e parecidos, e refletir sobre desigualdade e preconceito, assista com os alunos ao longa-metragem de animação *Azur e Asmar*, de Michel Ocelot, que conta a história de dois meninos, um branco e um negro, criados desde pequenos pela mesma mulher, mas separados pelo pai do garoto branco, um homem rico. É possível encontrá-lo na íntegra no Youtube pelo *link*: <<https://www.youtube.com/watch?v=5N68F1Ag1TU>> (acesso em: 28 out. 2020).

DICAS DE LEITURA

da mesma autora

- *Fim de semana*. São Paulo: Moderna.
- *Quando eu crescer...* São Paulo: Moderna.
- *Quem sou eu?*. São Paulo: Moderna.
- *Um, dois, três, agora é sua vez!*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero ou assunto

- *Amoras*, de Emicida. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- *E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas*, de Emicida. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- *Poeminha em língua de brincar*, de Manuel de Barros. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- *Quase ninguém viu*, de Aline Abreu. São Paulo: Jujuba.



LEITURA EM FAMÍLIA

A leitura, quando não é estimulada no ambiente familiar, acaba sendo percebida pelas crianças como uma prática essencialmente escolar. No entanto, estudos revelam que, se pais, avós, tios, padrinhos leem em voz alta com os pequenos e conversam a respeito do conteúdo lido, essas vivências ajudam as crianças a gostar de livros, aguçam a criatividade e diversificam sua experiência de mundo.

É por acreditar que a leitura deve ser vivenciada regularmente não apenas na escola que a Moderna desenvolve o programa "Leitura em família", para proporcionar uma interação cada vez maior com os filhos e se integrar mais com a escola na missão de educar.

No final do livro, é possível encontrar o *link* com sugestões para aproveitar o máximo desta obra em família.

Reforce essa ideia com a família de seus alunos!